



University of  
Texas Libraries

REDIB  
Red Iberoamericana  
de Investigaci3n y Conocimiento Científico



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho



# revistafsa

[www4.fsnet.com.br/revista](http://www4.fsnet.com.br/revista)

Rev. FSA, Teresina, v. 15, n. 3, art. 9, p. 181-197, mai./jun. 2018

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2018.15.3.9>

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung

Zeitschriftendatenbank

MIAR

Diadorim

## O Trabalho de Campo Como Prática Pedagógica em Cartografia

### Fieldwork as Pedagogical Practice in Cartography

#### Ronaldo dos Santos Barbosa

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco  
Professor da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão  
E-mail: ronaldobarbosa12@gmail.com

#### Rodrigo Lima Santos

Doutorado em Geografia pela Instituto de Estudos Socioambientais  
Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás  
E-mail: rlimasantos3@gmail.com

**Endereço: Ronaldo dos Santos Barbosa**  
UEMASUL - Rua Godofredo Viana, 1300 - Centro. CEP:  
65901-480, Imperatriz/MA, Brasil.

**Endereço: Rodrigo Lima Santos**  
Av. Esperança, s/n - Chácaras de Recreio Samambaia,  
CEP: 74690-900, Goiânia/GO, Brasil.

**Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 28/02/2018. Última versão recebida em 15/03/2018. Aprovado em 16/03/2018.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação**

## RESUMO

Este estudo procura oferecer subsídios práticos para reflexões sobre a importância do trabalho de campo na formação de geógrafos. Como realidade objetiva, toma-se por base uma experiência vivenciada durante o segundo semestre letivo de 2013, no curso de Geografia do Centro de Estudos Superiores de Imperatriz, da Universidade Estadual do Maranhão, na disciplina Prática: Experimentação em Cartografia. Utilizou-se de um vasto referencial teórico, abordando principalmente os conceitos de lugar e paisagem, aspectos físicos, econômicos e históricos da área de estudo e a teoria da comunicação cartográfica. Na abordagem do lugar, foram utilizadas conversas informais com moradores, sendo feitas algumas anotações dos depoimentos dos mesmos. Na abordagem da paisagem, foram utilizados mapas de hipsometria e uso da terra, fotografias e observações *in loco*. Destacam-se as contribuições na formação dos futuros geógrafos, pois eles tiveram a oportunidade de experimentar na prática os conceitos de lugar e paisagem, conhecer um pouco da história de vida de alguns moradores, vivenciar o cotidiano destes moradores e interpretar, na prática, mapas temáticos produzidos por integrantes do LabCartE (Laboratório de Cartografia e Ensino). Atividades dessa natureza contribuem tanto para a formação acadêmica, quanto para a formação de cidadãos conscientes e participantes nas mudanças da sociedade. Entende-se que é na universidade que o acadêmico começa a vivenciar e praticar ciência, e ciência se faz com método. Portanto, o trabalho de campo deve ser realizado de forma consciente, tanto pelo professor coordenador quanto pelos alunos participantes. Além disso, como prática pedagógica, deve ser separado dos momentos de lazer.

**Palavras-chave:** Lugar. Paisagem. Trabalho de Campo. Geografia.

## ABSTRACT

This study tries to offer practical subsidies for reflections on the importance of fieldwork in the training of geographers. As an objective reality, based on an experience during the second semester of 2013 in the Geography course of the Center for Higher Studies of Imperatriz, State University of Maranhão, in the discipline Practical: Experimentation in Cartography. A broad theoretical framework was used, focusing mainly on the concepts of place and landscape, physical, economic and historical aspects of the area of study and the theory of cartographic communication. In the approach of the place, informal conversations with residents were used, being made some notes of the testimonies of the same ones. In the landscape approach, maps of hypsometry and land use, photographs and *in loco* observations were used. We highlight the contributions in the training of future geographers, since they had the opportunity to experience the concepts of place and landscape in practice, to know a little of the life history of some residents, to experience the daily life of these residents and to interpret thematic maps in practice produced by members of the Laboratory of Cartography and Teaching. Activities of this nature contribute both to the academic formation and to the formation of conscious citizens and participants in the changes of society. It is understood that it is in the university that the academic begins to experience and practice science, and science is done with the method. Therefore, the fieldwork must be carried out in a conscious way, both by the coordinating teacher and by the participating students. Moreover, as a pedagogical practice, it should be separated from leisure time.

**Keywords:** Place. Landscape. Fieldwork. Geography.

## 1 INTRODUÇÃO

A Geografia, como ciência, tem como conceitos chave espaço, região, lugar, paisagem e território, os quais são concebidos de forma diferente, dependendo do paradigma científico de abordagem. O conceito de paisagem pode ser compreendido de forma distinta, em estudos orientados pela fenomenologia, daquela tratada nas pesquisas de abordagem sistêmica (CORRÊA, 2011). Entende-se o lugar como uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos (HOLZER, 1999). Nessa perspectiva, busca-se estudar os inúmeros fatores que interagem mutuamente na organização e reorganização do espaço geográfico e na compreensão da realidade a partir dos conceitos geográficos, o que torna o trabalho de campo em Geografia parte importante para a construção do conhecimento (HUNKA; ALONSO; VIANNA, 2007).

Nesse sentido, o trabalho de campo é uma ferramenta fundamental que facilita a compreensão da dinâmica das paisagens e dos lugares pois, a partir dele, o aluno/pesquisador pode mensurar e identificar as inter-relações existentes entre os componentes da paisagem e as particularidades dos lugares (AMORIM, 2012). Embora a cartografia seja considerada de importância ímpar no auxílio ao trabalho de campo, acredita-se que a realidade mapeada traz consigo uma realidade parcial, não substituindo a espacial. Portanto, a interpretação de produtos cartográficos em campo exige do usuário do mapa a capacidade de decodificar as informações ali contidas e associá-las ao cenário visto em campo.

Nesta oportunidade, é abordado o ensino de Geografia na universidade, destacando a necessária melhoria no processo de construção do conhecimento através dos conceitos geográficos, com vista ao desenvolvimento do futuro geógrafo, seja ele professor e/ou pesquisador. Posteriormente, discute-se o lugar e a paisagem na Geografia, procurando evidenciar a necessidade e a importância destes conceitos no processo de compreensão da dinâmica do espaço geográfico.

Baseado nos apontamentos anteriores, objetivou-se fazer alguns apontamentos sobre a importância do trabalho de campo em Geografia como um instrumento pedagógico capaz de proporcionar a relação teoria-prática, tomando como referência dois conceitos clássicos da área, a saber: o lugar e a paisagem. Para discussão dos conceitos, tomou-se como base uma experiência vivenciada durante o segundo semestre letivo de 2013, no curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de Imperatriz, na disciplina Prática: Experimentação em Cartografia.

Por fim, são apresentadas algumas considerações sobre o trabalho de campo em Geografia como prática pedagógica nos cursos de licenciatura na área, como possibilidade de compreender os espaços vivenciados pelos acadêmicos, bem como entender a dinâmica das paisagens e dos lugares que os cercam. Ainda nessa abordagem, apresentam-se resultados de atividades desenvolvidas com alunos do curso de Geografia do CESI/UEMA.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O Ensino de Geografia nos Cursos de Licenciatura

Neste ponto, é abordada a formação do licenciado em Geografia ou do geógrafo-professor. A qualidade da formação desses profissionais é reflexo de vários fatores, dentre eles, a estrutura física do curso, abrangendo laboratórios para estudos e pesquisas, salas de aula confortáveis e os recursos humanos compostos, principalmente, pelos docentes universitários, que são um dos principais agentes na formação do futuro geógrafo, uma vez que são os responsáveis pela introdução dos conhecimentos teóricos da ciência geográfica e da área pedagógica, objeto da aprendizagem dos futuros profissionais.

De acordo com Masetto (2003), o docente universitário, seja do curso de bacharelado ou de licenciatura, deve ser competente em sua área do conhecimento, bem como dominar o aspecto pedagógico. Ou seja, trazendo essa premissa para o contexto da docência de nível superior do curso de Geografia, exige-se que tais profissionais dominem, no mínimo, um ramo ou subárea da ciência geográfica, juntamente com o conhecimento pedagógico, para que o seu ensino se efetive em aprendizagem por parte dos acadêmicos.

Um dos principais pontos de discussão, senão o principal, quando se fala em docência no ensino superior, é a falta de formação didático-pedagógica dos docentes. Ainda que muitos desses profissionais tenham competência em sua área de formação, não significa que são ou serão bons professores. Por exemplo, um professor, com mestrado ou doutorado na área de Cartografia que ministra essa disciplina no ensino superior, pode não ter o desempenho e/ou didática apresentado por um professor graduado que atue no ensino fundamental, embora trabalhando com públicos diferenciados, na promoção do processo de aprendizagem.

Gaston Bachelard (1996), em sua obra *O espírito científico*, apresenta uma indagação interessante: “Porque o aluno não entende o que para nós está tão claro? ”. No processo de transposição didática de conteúdo, deve ser levado em conta o nível cognitivo dos estudantes.

Além disso, deve-se pensar o ensino na educação superior a partir dos objetivos de ensino contidos no projeto pedagógico do curso, bem como nas ementas das disciplinas. No que diz respeito à elaboração do programa de disciplina por parte do docente, deve-se elencar objetivos que visem o desenvolvimento intelectual dos alunos, isto é, pensar as necessidades e a realidade dos acadêmicos e não necessariamente do professor.

Além disso, o professor tem que ter uma boa formação didático-pedagógica, para que seu apurado conhecimento específico se transforme em aprendizagem por parte dos acadêmicos. Dessa forma, os alunos absorverão os conhecimentos com maior facilidade, uma vez que serão utilizados métodos de ensino apropriados e de acordo com o conteúdo que se objetiva ensinar.

Para Masetto (2003), é aí que reside a maior carência ou dificuldade dos professores universitários. É justamente no que tange ao aspecto pedagógico, seja porque nunca tiveram contato com essa área de forma adequada, ou porque a consideram dispensável para sua prática em sala de aula. Porém, é a partir do embasamento nessa vertente que o docente poderá desenvolver um planejamento apropriado de sua disciplina, levando em consideração objetivos, métodos de ensino e recursos. Esse deve ser o papel do conhecimento didático-pedagógico na vida do professor universitário.

Cabe destacar, conforme Masetto (2003, p. 42), que “[...] o modelo de formação pedagógica inclui, além da preparação científica no campo do conhecimento, a introdução de uma disciplina de metodologia do ensino superior”. Observa-se, portanto, que a docência no curso de Geografia deve ter atenção especial no que tange a essa formação pedagógica, para que a formação dos futuros profissionais da área cresça do ponto de vista qualitativo.

Se o processo de ensino/aprendizagem deve ser consciente, até que ponto o professor universitário de hoje consegue ver aplicabilidade prática no que ensina em sala de aula? E como os alunos se colocam diante desses conteúdos abstratos? Seria essa somente uma realidade vivenciada no ensino superior ou ocorre também na educação básica? São indagações importantes para que o leitor analise se a realidade apontada acima é única nos cursos de licenciatura, ou se em outros cursos também existem tais problemas.

### 3 MÉTODOS

O trabalho de campo sempre esteve presente na Geografia, desde o período de sistematização dos pressupostos teóricos que nortearam esta ciência até os dias atuais, embora seus princípios metodológicos sejam ora valorizados, ora desvalorizados ao longo da história

desta disciplina. A oscilação no processo de valorização/desvalorização do trabalho de campo se dá exatamente com o avanço da cartografia digital, e mais recentemente, com os Sistemas de Informação Geográficas (SIGs).

Embora os avanços da informática e da engenharia aeroespacial tenham sido evidentes a partir da segunda metade do século XX, assim como o surgimento de softwares cada vez mais sofisticados, sejam os de mercado ou os livres, o contato com o campo não pode ser substituído por uma imagem de satélite, mesmo aquelas de melhor resolução espacial. A realização deste trabalho seguiu as etapas elencadas abaixo.

- Levantamento de fontes bibliográficas: realizado segundo a produção teórica já existente relativa ao recorte espacial em estudo e aos conceitos utilizados: Bacia do Açaizal (BARBOSA, 2010; 2011) e (BRITO; BARBOSA, 2011), lugar (HOLZER, 1999), paisagem (BERTRAND, 2009), e teoria da comunicação cartográfica (ARCHELA; ARCHELA, 2002);
- Levantamento de fontes cartográficas: elencou-se um acervo de mapas temáticos da área produzidos por Barbosa (2010);
- Preparação do trabalho de campo: elaborou-se o projeto de trabalho de campo, bem como a solicitação de transporte (micro-ônibus) à direção do CESI-UEMA; elaboração do roteiro de observações de campo; a realização do campo e; por fim, as discussões seguidas da elaboração do relatório final pelos integrantes da disciplina.
- Trabalho em campo: parada nos povoados Lagoa dos Currais, Olho D'água e Jenipapo para realização das averiguações necessárias, explicações teóricas e o diálogo com os autores e a turma, e destes com o universo prático da área visitada. Em campo, teve importância fundamental a análise dos produtos cartográficos, impressos previamente, correlacionando-os com cenário observado, tal como o uso da terra e da hipsometria do terreno na referida bacia hidrográfica, além do registro fotográfico.

A avaliação do trabalho de campo foi feita em dois momentos. O primeiro, ainda em campo, após o cumprimento de todas as etapas previstas no roteiro, por meio de uma parada para dialogar e sanar dúvidas dos alunos com relação à interpretação de mapas; e o segundo, na sala de aula, momento que os alunos puderam expor anotações feitas durante a atividade e relatar experiências vivenciadas junto à comunidade.

No processo de elaboração do relatório de atividades, utilizou-se como base a NBR 10.719/1989 da ABNT, com o intuito de selecionar os elementos pré-textuais, textuais e pós-textuais para compor a estrutura do relatório. Cada aluno confeccionou um relatório

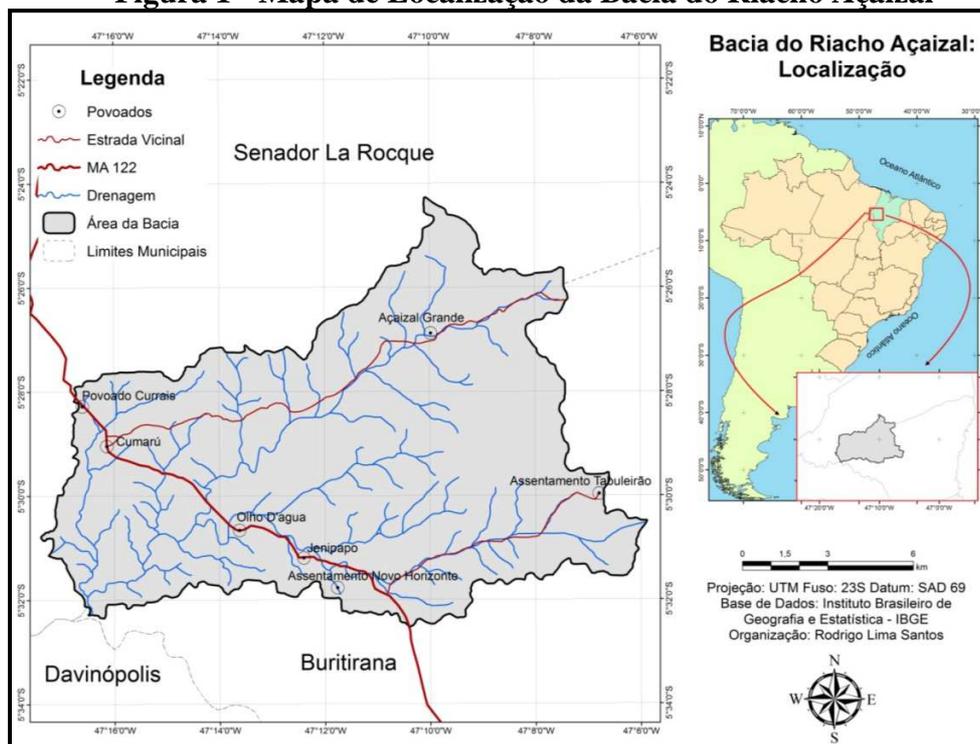
individual e foi montado um banco de imagens para posterior elaboração do relatório final pela equipe do Laboratório de Cartografia e Ensino (LabCartE).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Área de Estudo

A área de estudo denominada Bacia Hidrográfica do Riacho Açaizal banha dois municípios, Senador La Rocque (37%) e Buritirana (63%), localizada entre as coordenadas de 5°24'0" e 5°33'00" latitude S, e 47°6'0" e 47°18'00" de longitude W (Figura 1). Os referidos municípios pertencem à microrregião de Imperatriz. O primeiro, com população de 16.242 habitantes, e o segundo, com 13.822 habitantes (IBGE, 2010).

**Figura 1 - Mapa de Localização da Bacia do Riacho Açaizal**



No tocante às características da área de estudo, a bacia tem 179,5 km<sup>2</sup> de área. No interior da mesma existem sete povoados, três deles localizados às margens da rodovia MA – 122, e outros com acesso através de estradas vicinais que cortam a bacia.

A extensão total dos cursos d'água é de 178,23 km, sendo que os canais intermitentes representam 125,90 km, e os canais perenes 52,33 km. Dentre os canais perenes, três riachos

destacam-se pela importância que apresentam para a população local, são eles: Riacho Açaizal (25,15 km), Riacho Prainha (20,07 km) e Riacho Tabuleirão (7,11 km).

#### 4.2 O Lugar e a Paisagem na Teoria e na Prática

Como conceitos clássicos, lugar e paisagem sempre fizeram parte do arcabouço teórico-metodológico da Geografia, no processo de análise do espaço geográfico, de maneira sistematizada ou não. Partindo da concepção de lugar como parcela do espaço vivido do aluno e paisagem como expressão fisionômica do espaço, buscou-se investigar as noções que os alunos do curso de Geografia já traziam de suas práticas cotidianas para a universidade. Sobre o contato dos estudantes do ensino fundamental com os conceitos geográficos é válido ressaltar que:

[...] o estudo das paisagens, dos lugares, dos espaços urbanos, da degradação ambiental, tão falado e normalmente chegam ao aluno através de uma imagem, uma gravura no livro didático, ou até mesmo a uma simples referência ao mesmo, deixando o aluno, construir mentalmente o significado de algo objetivo, mas que ele recria conforme a sua visão e experiências de mundo (RODRIGUES; OTAVIANO, 2001, p. 36).

Os autores (Ibidem) retratam, exatamente a situação da realidade dos alunos que ingressam nos cursos de Geografia. Durante a educação básica, esses estudantes não tiveram oportunidades de vivenciar na prática a materialização destes e de outros conceitos tão importantes no ensino da Geografia. Destaca-se que, nas aulas práticas, o aluno tem a oportunidade de compreender o processo de dinamização do espaço e seus reflexos no lugar e na paisagem, bem como nos outros conceitos.

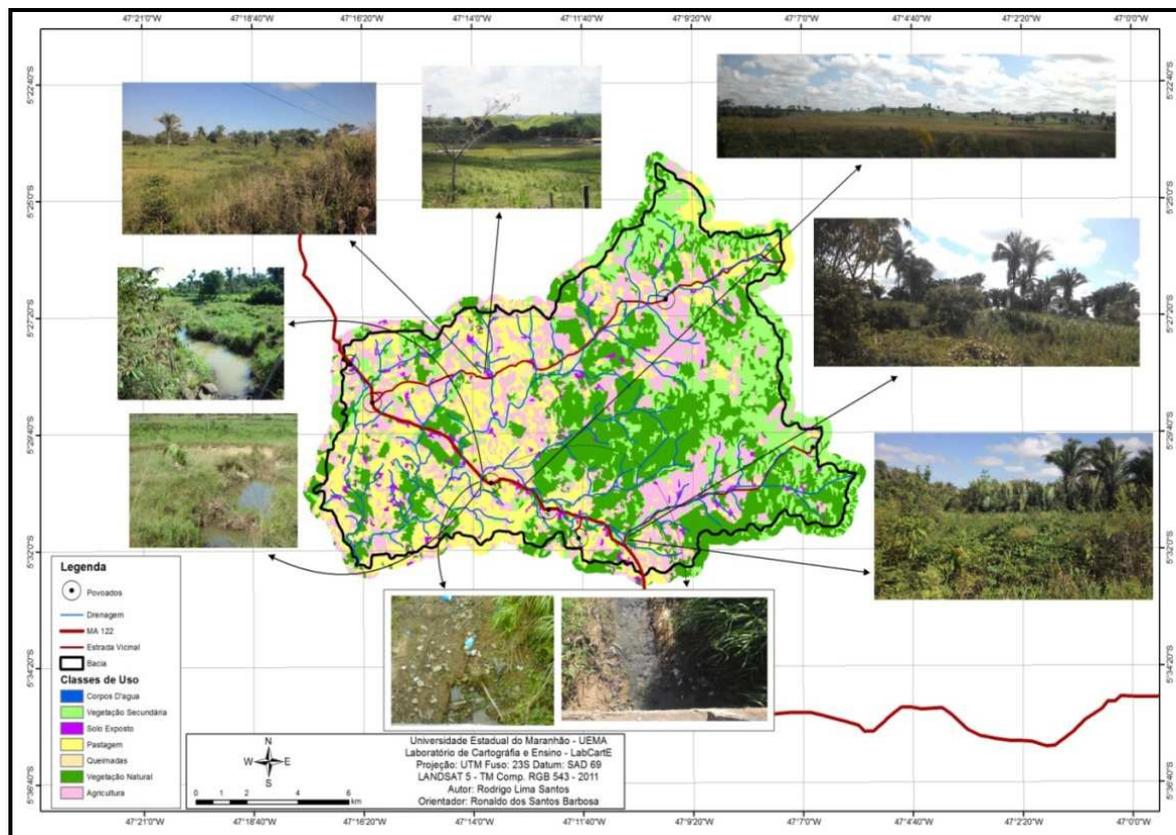
No campo, acredita-se que uma observação atenta e bem apurada da paisagem é a primeira etapa da análise do espaço geográfico. Para Santos (1996), a paisagem é o “conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. A paisagem do mapa é diferente da paisagem vista no campo, pois a paisagem do mapa é uma representação feita por alguém dotado de uma visão e com o auxílio de técnicas, e nunca se representa em um mapa ou carta a realidade total. Já no campo, é possível ver objetos e relações não presentes no mapa.

### 4.3 A Paisagem

Necessário se faz refletir sobre o conceito de paisagem na Geografia. Para muitos, a paisagem restringia-se à possibilidade visual, a tudo que a vista alcança. Para Suertegaray (2010), trata-se do conjunto das interações homem e meio, algo além do visível, resultado de um processo de articulação entre os elementos constituintes. Bertrand (2009) definiu-a como resultado sobre certa porção do espaço, da combinação dinâmica e instável dos elementos físicos, biológicos e antrópicos que, interagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em contínua evolução. Para Santos (1996), a paisagem é definida como o conjunto de formas que exprimem heranças, as quais representam as sucessivas relações entre o homem e a natureza. O autor esclarece que paisagem não é espaço geográfico, sendo este um conceito mais abrangente.

O modo de percepção da paisagem durante o trabalho de campo, foi operacionalizado em cada um dos locais determinados para as paradas, momento em que os alunos utilizaram a observação geográfica da paisagem associada aos produtos cartográficos e ao registro panorâmico dos elementos da paisagem. Esse exercício de observação foi orientado pela seleção dos mapas para identificação dos elementos e análise das possíveis mudanças ocorridas na paisagem. A Figura 2 corresponde ao mapa de uso da terra, confrontado com dados coletados em campo via GPS e fotografias dos locais visitados.

**Figura 2 - Mosaico formado pelo mapa de uso da terra e fotografias tiradas de alguns pontos durante o trabalho de campo. Fonte: Santos *et al.* (2013).**



#### 4.4 O Lugar

Considera-se que o conceito de lugar está relacionado à realidade de escala local, podendo ser entendido, conforme Carlos (1996, p. 20), como a parte do espaço geográfico, efetivamente apropriado para a vida, onde desembocam as atividades cotidianas, “a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”.

Assim, surge a importância de trabalhar a começar do espaço vivido, para que se possa entender as relações entre o regional, o nacional e o global. Para Callai (2000) é imprescindível ler o lugar para compreender o mundo em que vivemos. Pode-se partir de temáticas e problemas e, a partir de então, aguçar a curiosidade dos alunos. Essas problemáticas podem ser formuladas a partir da realidade do que ocorre e do que existe no mundo, considerando as dimensões de espaço e de tempo.

O lugar torna-se realidade, portanto, a partir da nossa familiaridade com o espaço, não necessitando, entretanto, de ser definido através de uma imagem precisa, limitada. (FERREIRA, 2000, p. 67).

Nesse sentido, a abordagem do lugar referente ao trabalho de campo foi feita assentada no espaço vivido dos moradores dos povoados visitados (Cumarú, Olho D'água e Jenipapo), através de conversas informais, nas quais os moradores revelavam as características do lugar tanto no presente, quanto no passado. Nos relatos, foi possível abstrair também características da paisagem do passado que ainda se mantêm vivas na memória dos habitantes pioneiros.

Em campo, procurou-se investigar como era a realidade do lugar quando as famílias chegaram e como está o lugar hoje. Dentre os vários depoimentos, alguns foram selecionados para ilustrar a realidade retratada pelos moradores. Os nomes das pessoas foram abreviados a fim de manter o anonimato dos informantes.

Naquela época a terra era voluntária, não tinha dono, nós trabaivava todo mundo no mermo lugar, botava um pedaçim de roça aqui outro ali e assim foi, ai quando foi em 68 começou a divisão das terra aqui, foi feita pelos próprios posseiros, até que veio a discriminatória dessa área em 84 pelo GETAT, ai nós fiquemo só com um pedaçim véi e o Aldo e o Abel ficaram com essas terras aqui de baixo, nesse pé de serra e encheram de capim. (E. F. dos S. 60, 2013).

Quando nós chegemo aqui a produção era muita avançado e agora diminuiu muito, através das terras ser só capoeirão e ai alguma da pra gente prantar, as terra tão ficando fraca e ai o povo pranta muito capim e ai naquele lugar onde agente pranta capim não da mais arroz como antigamente [...] antigamente o inverno era mais bom, hoje ixi o inverno ta mais fraco e é muito e doído, tem ano que chove pouco outro que chove demais, ninguém sabe mais quando começa e nem quando termina o inverno. (E. da S. S, 58, 2013).

Uma linha de arroz naquela época dava 10 sacco, todo lugar que agente botava roça dava de 10 pa12 sacco de arroz mais hoje a produção não é muito grande porque a maioria das pessoas não tem é onde plantar, as terra aqui ta na mão de rico, pra trabaia tem que pagar renda, a pessoa paga uma base de 10% ou 15% de arrendamento pra puder produzir as pessoa pobre que num tem terra, a num ser que seja os assentamentos, eu num vejo a hora de me aposentar. (E. F. S, 60, 2013).

Naquele tempo você plantava uma roça de 16 linhas (10.000 m<sup>2</sup>) panhava arroz que abusava, 200 a 300 sacos. Hoje você bota um alquero de roça nem colhe direito que o mato toma de conta de tudo, uma linha de terra quando dá muito dá 6 sacco. Agora naquele tempo era uns 20 a 25 sacco por linha. Naquele tempo quando era logo no mês de outubro, novembro tava plantando tudo, hoje você espera o inverno e só chove um poquim de dezembro pra frente e é fraco ainda. (A. F do N. 80, 2013).

Durante a realização das visitas aos povoados que compõem a bacia, alguns alunos perguntaram: “Professor onde estão os jovens destes povoados? ”. Surge, então, uma nova linha de investigação. Ao questionar os moradores, a justificativa recebida foi que, em função das inúmeras dificuldades enfrentadas na produção agrícola, os jovens preferem ir para a cidade estudar ou trabalhar.

Seguem alguns dos depoimentos dos moradores sobre as dificuldades vivenciadas:

É por que nós num tem estrada pra transportar nossa mandioca, porque se quer transportar mandioca, tem que ser através de burro e a estrada nossa é muito ruim, tem uma ladera que no inverno não desce carga, desce pela manhã se não chover, se chover só a tarde quando inxugar. (N. L. dos S. 30, 2013).

Num tem estrada e nem água, nós trabaia no seco levando água na costa do jumentim véi subindo ladera e a estrada é muito ruim e quando chove agente não sobe só sobe quando ta tudo inxuto. (L. S. S. 58, 2013).

O pior é que não tem estrada pra nós ir, a estrada é muito péssima e além de ser ruim tomaro a miorzinha que tinha aquele miserave ali de cima cercou tudo e agora nós tem que arruinar. (J. L. A. 62, 2013).

Primeiro nós não tem estrada, lá só anda animal ou gente a pé. Segundo nós trabaia num lugar seco, não tem água, só tem água no inverno que nós junta água nos tanque e no verão agente leva água nas costa do jumento. (R. R. S. 41, 2013).

Para entender a paisagem e a situação do lugar hoje, é necessário compreender os estágios socioeconômicos pelos quais essas localidades passaram ao longo do processo de ocupação. Essas imagens estão presentes na memória de cada morador dos povoados que compõem a área visitada. Contar suas histórias para os visitantes constitui motivo de alegria e satisfação para essas pessoas. A forma cortês de receber os visitantes, acompanhada de um convite para tomar um café, um copo de suco, ou esperar pelo almoço revela a identidade do morador do campo.

#### 4.5 O Trabalho de Campo em Geografia Como Prática Pedagógica

O trabalho de campo como prática pedagógica, infelizmente ainda não faz parte dos procedimentos didáticos nas universidades brasileiras, em especial tratando-se de cursos de licenciatura. De que depende a realização do trabalho de campo?

Como primeira condição necessária à saída de campo, considero de vital importância a adoção prévia de um sistema de conceitos capaz de formular o arcabouço teórico-metodológico que inegavelmente direcionará o olhar do geógrafo no campo uma espécie de “bússola” na formulação das ideias, análises e observações, moldando o embasamento de todo o trabalho (HUERTAS, 2007, p. 149).

O supracitado autor coloca como condição à realização do trabalho de campo a adoção e definição dos conceitos necessários à compreensão do espaço visitado e, se possível, sua conexão com outros espaços. É importante lembrar que o trabalho de campo em Geografia tem sido confundido com aulas de geoturismo<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Temos presenciado nos congressos de estudantes e também de profissionais trabalhos de campos que são apenas aulas de turismo e lazer e não trabalho de reflexão geográfica. Vale lembrar que não são em todos os congressos, pois existem alguns que realmente pensam os trabalhos de campo e escolhem lugares que contribuem para a temática do evento, bem como para a formação do Geógrafo.

O trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade. (SERPA, 2006, p. 9).

Como essa atividade pedagógica tão rica vem sendo trabalhada nos cursos de licenciatura nas universidades brasileiras? Tem-se dado a real importância que merece, ou estão sendo promovidas aulas de lazer para os acadêmicos? Até que ponto o trabalho de campo tem sido realizado e refletido como espaço de vivência curricular, capaz de desenvolver nos sujeitos princípios de observação, descrição e análise da realidade?

Num esforço, pode-se imaginar como alunos se comportam em uma aula de pedologia, por exemplo, quando o professor fala de latossolo amarelo, argissolo vermelho-amarelo, dos horizontes desses solos, da profundidade, da textura, sendo que esses alunos nunca tiveram o contato prático do ponto de vista científico com uma amostra de solo. É lembrado aqui um exemplo citado por Antunes (2001), tomando como referência a sala de aula das séries iniciais, onde o professor utiliza uma linguagem bem superior ao universo cognitivo da criança e esta se porta tal qual o personagem “Bob”, do desenho animado *O Fantástico Mundo de Bob*, imaginando como seria isso na realidade. Quando o aluno não consegue criar em seu imaginário esta imagem, ele desiste e a aula torna-se chata e enfadonha.

[...] o trabalho de campo como recurso didático é de primordial importância, porque oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em conta no processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes ao professor (RODRIGUES; OTAVIANO, 2001, p. 36).

Como atividade pedagógica, o trabalho de campo necessita de uma estruturação, ou melhor, de uma sequência pedagógica reflexiva para cumprir sua função no processo de aprendizagem. Nesse sentido, encontra-se suporte nas palavras de Rodrigues e Otaviano (2001), quando discorrem sobre a sequência do trabalho de campo em três momentos: a preparação, a realização e os resultados e avaliação. Na primeira etapa, os autores sugerem as seguintes atividades: definição dos objetivos, escolha do local, calendário, recursos materiais, a busca da interdisciplinaridade, observação de outros aspectos práticos e, por fim, informar e motivar os alunos. Já na segunda etapa, a realização propriamente dita do trabalho de campo e, por último, a análise dos dados ou informações coletadas e a avaliação dos resultados do trabalho de campo.

Nesse sentido o trabalho de campo pode ser considerado uma atividade inter, multi e transdisciplinar, uma vez que o mesmo não deve ser realizado sem o auxílio de mapas e dados existentes sobre a realidade da área a ser visitada. Essas informações servem para que o aluno, ao chegar ao espaço a ser analisado, já tenha uma noção do que vai encontrar e, assim, possa checar tais informações.

Compreender um mapa de uma área em que o aluno nunca visitou é tal qual exigir de crianças das séries iniciais do ensino fundamental a compreensão dos elementos da linguagem cartográfica. Porém, é no campo que o aluno decodifica os códigos contidos no mapa e passa a entender melhor o confronto entre teoria (conceitos e mapa) e prática (realidade). Na análise do mapa de uso da terra, foram utilizados os princípios da teoria da comunicação cartográfica de Kolacny (1969) interpretados por Simielli (2003), tendo o mapa como veículo de comunicação entre o leitor e o produtor.

Para Tomita (1999, p. 13), “[...] é no trato direto do trabalho de campo que o aluno fará o aprendizado e passará a entender as contradições e o processo de apropriação da natureza, entendendo o porquê da dinâmica que ocorre no espaço”. Após a análise dos mapas de hipsometria e uso da terra, os alunos compreenderam que o relevo teve papel fundamental na orientação da ocupação do espaço na bacia, e que as atividades desenvolvidas no interior da mesma obedecem ainda à configuração deste.

Relembra-se que uma aluna comentou em campo: “olhando cada mapa isolado não consigo ver o que você está explicando; agora, quando coloco um ao lado do outro vejo a relação entre cada exemplo que o senhor está falando”. Isso orienta a pensar sobre a necessidade do trabalho com mapas temáticos nos cursos de graduação.

Tomita (1999) aponta que o trabalho de campo tem se revelado um bom instrumento que, além de despertar a atenção dos alunos, pode alcançar um bom resultado. É uma atividade que contribui para estreitar a relação dos alunos entre si e com os professores, conduzindo-os a praticar atitudes necessárias que, além de assimilar e compreender melhor os conteúdos específicos, pode influir na modificação de atitude e formação da personalidade que, mais tarde, poderá servir para a vida social e profissional.

O trabalho de campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cada cidade, cada bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, porém articulado. Em campo, é possível fazer esta leitura da totalidade do espaço que, na maioria das vezes, é impossível se fazer em sala.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação e a descrição dos lugares e das paisagens sempre fizeram parte do arsenal de campo dos geógrafos, desde sua sistematização como ciência, até o momento. No entanto, atualmente, esses princípios tão elementares têm desaparecido dos procedimentos metodológicos dos profissionais. Com o uso de mapas, o trabalho de campo torna-se mais significativo para estudantes e pesquisadores, uma vez que os mesmos têm uma noção antecipada da realidade mapeada, o que facilita a seleção de áreas a serem visitadas.

Na experiência citada no trabalho com os alunos do curso de Geografia do CESI/UEMA, os alunos afirmaram nunca terem ido a campo com um projeto, com mapas, bússola e outros elementos utilizados nesta experiência. As saídas de campo vivenciadas por eles anteriormente aconteciam sem uma preparação antecipada e sem um roteiro previamente definido, o que resultava em um trabalho improvisado.

Entende-se que é na universidade que o acadêmico começa a vivenciar e praticar ciência, e ciência se faz com método. Portanto, o trabalho de campo deve ser realizado de forma consciente, tanto pelo professor coordenador, quanto pelos alunos participantes. Como prática pedagógica, deve ser separado dos momentos de lazer.

Nos dois momentos de discussão do presente trabalho, procurou-se evidenciar a necessidade da realização do trabalho de campo como prática pedagógica frequente dentro dos cursos de Geografia, seja licenciatura ou bacharelado, a fim de viabilizar o desenvolvimento de habilidades fundamentais para a formação do futuro geógrafo como a percepção, a cognição e a representação do espaço.

Para encerrar, faz-se uso das palavras da professora Dra. Elza Yasuko Passini (2007), ao afirmar que, o que nos torna professor não é o diploma e sim a capacidade de refletir sobre nossa prática docente a cada dia, frente a dificuldades e desafios. Que o trabalho de campo sirva de reflexão e passe a fazer parte das práticas pedagógicas tanto dos professores universitários quanto dos professores da educação básica.

## REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-68, 2006.

AMORIM, R. R. Um novo olhar na geografia para os conceitos e aplicações de geossistemas, sistemas antrópicos e sistemas ambientais. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 13, n. 41, p. 80-101, mar/2012.

ANTUNES, C. **Marinheiros e professores**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

ARCHELA, R. S.; ARCHELA, E. Correntes da cartografia teórica e seus reflexos na pesquisa. **Geografia**. v. 11, n. 2, jul/dez, 2002.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBOSA, R. dos S., CHAVES, M. R. Geomorfologia Ambiental e Suas Contribuições para o Planejamento da Bacia do Riacho Açaizal/MA. **Pesquisa em Foco (UEMA)**. v.18, p.01 - 22, 2010.

BARBOSA, R. dos S., CHAVES, M. R. Histórico de ocupação da bacia hidrográfica do riacho Açaizal-MA. **Caminhos de Geografia (UFU)**. v.12, p.137 - 150, 2011.

BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Massoni, 2009.

BRITO, D. S, BARBOSA, R. dos S. Geoprocessamento aplicado a análise da dinâmica do uso da terra na Bacia Hidrográfica do riacho Açaizal, Senador La Rocque-MA. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 2011, 15. Curitiba. **Anais...** São Paulo: INPE, 2011.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARLOS, A. F. A. Definir o Lugar? In: \_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labutar Edições, 2007. p. 17-20.

CORREA, R. L. Reflexões sobre Paradigmas, Geografia e Contemporaneidade. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial. p. 59-65, out. 2011.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n° 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, n° 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HUERTAS, D. M. Além do aspecto puramente acadêmico: o trabalho de campo como uma verdadeira experiência de vida. **GEOUSP – espaço e tempo**. n. 21, p. 149-155, 2007.

HUNKA, P. G.; ALONSO, S. F.; VIANNA, P. C. G. Pesquisa de Campo: uma experiência na bacia do rio Guajaú PB/RN. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 2, n. 4, p. 120-128, ago. 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>.

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

OLIVEIRA, I. J. de; MARTINELLI, M. O uso dos mapas no trabalho de campo em geografia física. **Geografia**. Rio Claro, v. 32, n. 1, p. 163-179, jan./abr. 2007.

RODRIGUES, A. B.; OTAVIANO, C. A. Guia Metodológico de Trabalho de Campo em Geografia. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 10, nº. 1, p. 35-43, jan./jun., 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, R. L.; SANTOS, R. L.; BARBOSA, R. dos S. Caracterização da bacia hidrográfica do riacho Açaizal em Senador La Rocque – Brasil. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**. Barra do Garças – MT. v. 3, n. 2, p 159 – 181. ago/dez. 2013.

SERPA, A. O trabalho de Campo em Geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 7-24, 2006.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Rev. Scripta Nova**, Universidad de Barcelona, v. 5, p. 79 – 104, 2010.

TOMITA, L. M. S. Trabalho de Campo como instrumento de ensino em Geografia. **Geografia: Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 8, nº. 1, p. 13-15, jan./jun., 1999.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

BARBOSA, R. S; SANTOS, R. L. O Trabalho de Campo Como Prática Pedagógica em Cartografia. **Rev. FSA**, Teresina, v.15, n.3, art. 9, p. 181-197, mai./jun. 2018.

Contribuição dos Autores	R. S. Barbosa	R. L. Santos
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X